AS VIRTUDES MILITARES

Mozart Soriano Aderaldo

Não faz muito tempo, um grande pensador católico e vero patriota — o escritor Gustavo Corção — lembrava que Charles Péguy, parâmetro seu como intelectual católico que foi e soldado francês que morreu por sua pátria, definira como virtudes militares o saber obedecer e o saber mandar.

O piedoso arcebispo de Niterói, Dom Antônio de Almeida Morais, em homilia que proferiu em missa celebrada no tricentésimo quinquagésimo aniversário da Irmandade da Igreja de Santa Cruz dos Militares, salientou, por sua vez, a atitude inesquecível de um soldado romano, bem demonstrativa dessas virtudes militares. Referiu-se ele à passagem em que um centurião, tendo pedido a cura de um servo paralítico, recebeu de Jesus a promessa de visitar o enfermo. Seguiu-se, então, a preciosa argumentação que rendeu o Salvador: — "Senhor (. . .) eu sou um subordinado, mas abaixo de mim tenho soldados, e quando digo a este "vai", ele vai; e quando digo a outro "vem", ele vem; e a outro "faça isto", ele faz". Esta resposta, que consubstancia magnificamente a virtude militar da disciplina hierárquica, provocou a admiração de Jesus, que não encontrara em todos os israelitas quem falasse com tanta fé, segundo suas próprias palavras. E note-se que o centurião era, obviamente, militar e romano, pertencendo, portanto, a uma falange de potência estrangeira, digamos "imperialista". que ocupava a Palestina. Mas, para Jesus, o que tem importância, afinal, não são os falsos pruridos nacionalistas, tão diferentes do vero sentimento patriótico, que ele possuia em grau inatingível, a ponto de chorar sobre a futura destruição de Jerusalém. O que lhe causou admiração foram as virtudes militares do centurião romano, salientando que o homem de autoridade deve mandar e o subordinado deve obedecer. Não com soberba aquele nem com subserviência este, que isto seria mais abuso do que uso da autoridade. Mas com equilíbrio e sobriedade, gerando mais e melhor efeito. Longe, mesmo, de ser soberbo, o centurião dessa história era visivel-

mente humilde, proferindo aquelas palavras que a liturgia católica incorporaria à celebração das missas — "Senhor, eu não sou digno que entreis em minha casa . . . "

Dom Antônio lembrou, ainda, na referida oportunidade, a atitude de outro soldado romano, que muito deve ter agradado a Jesus na hora extrema em que fora abandonado por todos, até mesmo por Deus, seu Pai, aparentemente embora. Quem nele até então crera estaria (quem sabe?) duvidando de suas promessas de eternidade. Eis que se ouve, contra todas as expectativas, a voz do soldado romano, que o Evangelho assim registra: — "Verdadeiramente este homem era justo . . . " Era a voz da fé, proferida por quem menos se esperava que o fizesse e na ocasião em que, aos olhos simplesmente humanos, pareceria menos indicada. Seria esta outra virtude militar: a de enfrentar o ambiente mais adverso, na hora menos psicologicamente adequada ao senso comum, para proferir aquilo que lhe parece ser a verdade e pela qual se arrisca até mesmo a própria vida.

Essas virtudes se acham admiravelmente encarnadas em figura ímpar que a nossa história registra com ufania: o grande patriota católico que foi o Duque de Caxias. Por isso, a data de seu nascimento foi eleita como o Dia do Soldado, pelas peregrinas virtudes militares que ele possuia em grau heróico. Antes e sempre soubera obedecer e, por isso, sabia também comandar. Era soldado, e o mais eminente de quantos possuiu a nossa Pátria, mas seu espírito de pacificador legou-nos gestos de largueza e harmonização. Nunca vencido, jamais tripudiou sobre os derrotados. Nunca desobedeceu e jamais foi desobedecido. Sabia impor-se como chefe hierarca, mas era venerado como companheiro e idolatrado como amigo. Sem quebra do princípio de autoridade, que sempre preservou, compreendia o serviço da Pátria como um desdobramento do serviço de Deus. E nunca tergiversou.

Honra lhe seja, perenemente.